

A arca da escrita desenhada a cem dedos

Mesmo com poucos anos de existência, já é possível afirmar que o surgimento do *e-mail* foi um dos maiores avanços dos meios de comunicação. Situado entre a carta e a ligação telefônica, é mais livre que a primeira, porém não chega a ter a fugacidade da segunda. O correio eletrônico é, portanto, um modo perfeito de se transmitir e receber uma mensagem de conteúdo informal mas que não se evapore (a sentença *verba volant, scripta manent* se mostra mais uma vez aplicável).

As manifestações literárias, naturalmente, não poderiam – nem deveriam – fechar os olhos para esse novo modo de expressão escrita. Na ficção já fez muito sucesso o romance epistolar, no qual toda a narração é disposta em forma de cartas, como em *Drácula*, de Bram Stoker, ou *Lucíola*, de José de Alencar. Ou simplesmente eram reunidas em volume as correspondências de autores consagrados, de teor geralmente familiar, estético ou amoroso – aqui serve como exemplo a publicação das cartas trocadas entre Simone de Beauvoir e Sartre. Com toda essa tradição do gênero, somada ainda à difusão da escrita proporcionada pelos computadores, não tardaria a surgir um livro composto apenas por *e-mails*. E feito por jovens, certamente os que dominam com mais eficácia a nova prática de mensagens instantâneas.

Escrito por garotos, e direcionado a jovens de corpo e/ou espírito, vale como sugestão o livro *A Nave de Noé* (Rio de Janeiro: Record, 2000. 256 págs.), dos primos Ramos Amado. Luiza, filha de Graciliano, casou-se com James, irmão de Jorge, e assim as duas famílias se misturaram. Não se deve esperar, contudo, que os dez meninos e meninas tenham se preocupado em dar prosseguimento à “alta literatura” dos antepassados. Antes, escrevem informalmente, já que se trata de correio eletrônico.

Essa espontaneidade das mensagens gera uma boa sensação durante a leitura, principalmente pela exposição das intimidades dos primos, com as quais o leitor facilmente se identifica por estar vivendo ou ter vivido várias das situações narradas. Segredos familiares são compartilhados com o leitor (às vezes acrescidos com cinismos leves: “espero que minha mãe não leia isso” ou “primos, não contem isso a ninguém”),

tornando-o cúmplice das peripécias adolescentes, uma espécie de *voyeur* que se apraz da mera observação do sigilo alheio.

O fio condutor da história são as especulações sobre o motivo pelo qual outros dois primos, os irmãos Juca e Pedro, nunca se falaram. Em torno giram a ascensão da TPM (uma banda só de meninas), os novos casamentos dos pais separados, o suposto fim do mundo na virada do milênio, além de todo um universo de fatos característicos da faixa etária dos autores – de treze a dezesseis anos. Tudo isso escrito com muita graça e despojamento.

Alguns momentos são especialmente divertidos, como as mensagens de Bel, cujo computador não possui acentos nem cedilha, falha que ela mesma converte em elemento construtor do texto: “Mas aih jah viu, neh?”; “Ve se voces me dao uma forca – se for sem cedilha, pode ser para a minha mae”. Ou as reflexões criativas de Caco: “No Brasil, ninguém se preocupa com uma grande banda feminina. O povo tá ligado é numa grande bunda feminina. (...) Incrível como uma simples letrinha faz tanta diferença”.

“O humor nos fez mais jovens, com vontade de brincar e fazer arte”, afirma um dos primos na apresentação, revelando que o livro é antes de tudo uma aventura lúdica da linguagem. Escrito a distância por dez cabeças e cem dedos, *A Nave de Noé* vem alegremente nos lembrar de que a literatura estará sempre conjugada com os novos meios, já que o avanço tecnológico é só mais um suporte das experiências humanas.